

COLUNA

Escritoras em Foco: um olhar para a literatura africana de autoria feminina

Rosangela Aparecida Marquezi

Aromas de Olinda Beja



Olinda Beja. Foto: Reprodução redes sociais.

A invisibilidade de muitos escritores africanos é muito mais forte quando se trata de escritoras. O apagar as mulheres da literatura é histórico e poderíamos, neste texto, e em tantos outros, nos dedicarmos a mostrar como isso se realiza.

No entanto, deixo o discutir o porquê dessas invisibilidades aos historiadores e a tantos outros que se dedicam com muita propriedade a esses estudos! Minha opção, nesta coluna, é trazer a vocês histórias e livros de mulheres africanas, contribuindo, dessa forma, ao movimento de dar voz e vez àquelas que constroem, com muita luta, seu espaço na literatura.

Minha escolha, hoje, é a escritora são-tomense Olinda Beja, que tive o prazer de “descobrir” pelo seu belo livro de poemas **“Aromas de Cajamanga”¹**, publicado aqui no Brasil pela Editora Escrituras, no ano de 2009, título que evoca lembranças da autora em relação à sua terra natal e que – por isso – utilizei

¹ É o “fruto da cajamangueira (*Spondias citera*) cujo aroma é estonteante” (BEJA, 2009, p. 171).

como mote dessa breve reflexão: “Aromas de Olinda Beja”, já que a cajamanga é um fruto com estonteante e intenso aroma.

Olinda Beja e os aromas de sua terra...

Nascida na cidade de Guadalupe, no ano de 1946, ainda criança é enviada a



Portugal, o que lhe tira, de certo modo, um protagonismo nas lutas de libertação em prol da independência de seu país, muito embora, segundo a própria autora, em entrevista dada à Jorge Adolfo Marques, em seu país “Não houve propriamente guerra colonial. Houve fome, houve miséria, houve escravatura e houve muitas outras coisas muito más que eu penso que também influenciaram o facto de nós, são-tomenses, estarmos nesta solidão.” (2010, p. 284).

O termo que utilizei acima “enviada” a Portugal era algo que acontecia comumente na época a pessoas como Olinda Beja - filha de pai branco e mãe negra - como bem afirma Medeiros (2011, p. 181 apud SANTOS, 2019, p. 42):

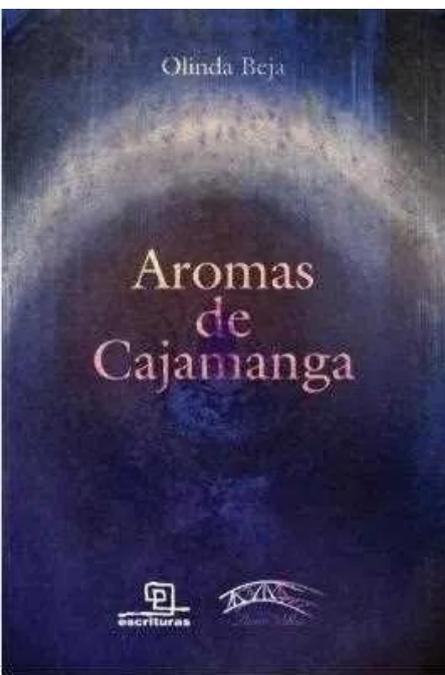
Como era hábito nessa altura, os filhos mestiços seguiam inexoravelmente um dos três destinos: 1) enviados para a Europa, ou para continuar os estudos ou para limpar os pais da vergonha do preconceito social de ter mantido relações com uma mulher negra, 2) abandonados ao sabor do destino, 3) vivendo a vida miserável dos negros da ilha”.

Dessa forma, Olinda Beja cresce longe de sua terra, e “[...] do colo da mãe negra, do pranto do ossobô, da sedução de Izunari” (MEDEIROS, 2011, p. 181 apud SANTOS, 2019, p. 42). Criada, então, em Portugal, Olinda cursa licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês) e também o curso de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, além de diversos outros cursos ligados às licenciaturas – área que ela se dedica, seja em Portugal, onde foi professora do ensino secundário, ou na Suíça, país em que também atuou como docente, por aproximadamente uma década.

Dividida entre dois mundos, ela conta que, quando retornou à sua ilha natal, seus familiares “[...] se puseram de joelhos, vieram a rastejar até mim e beijaram-me os pés. [...] ‘mas porque fazem isto?’. E eles responderam-me: ‘porque nunca nenhum mulato voltou à terra para beijar a mãe’”. (BEJA, 2010, p. 285-286). Esse retorno à ilha se deu tarde, na verdade, apenas aos 37 anos, o que não inviabiliza seu amor sempre declarado pela terra natal. Como bem afirma Ferreira (1977,

p. 79), são-tomense é todo o [...] poeta que primeiro, em língua portuguesa, [...] identifica-se com a dor do homem negro”.

Aromas de seus versos...



Conhecendo um pouco mais a história da vida de Olinda Beja, e ao lermos seus versos ou qualquer outro de seus escritos, podemos perceber essa dualidade: são-tomense – portuguesa, mas sempre numa perspectiva dialógica.

Nesta coluna, reporto-me, em especial, aos seus versos de “**Aromas de Cajamanga**”, os quais estão intimamente ligados à sua ilha/terra natal. Em prefácio à edição que tenho em mãos, Floriano Martins (2009, p. 8) assim se refere:

[...] as suas raízes estão ali [São Tomé e Príncipe], na travessia que sempre fez, indo e vindo no tempo, na memória, não importam as prolongadas residências em Portugal e na Suíça. Seu canto está impregnado pela doçura de cadenciada que a terra crioula lhe doou ao coração.

Em seu poema “Visão”, o eu-poético assim se manifesta:

Quiseram fazer de mim uma europeia
e por esse motivo me arrancaram
das costas da mãe-África, minha mãe.

[...]

Mas o tempo que é amigo e tudo sabe
resolveu enviar a voz do sangue que me disse
haver um barco de regresso às costas de
Mãe-África
minha mãe. (BEJA, 2009, p. 14)

Ao ler esses versos e os outros belos poemas que Olinda Beja nos presenteia em “**Aromas de Cajamanga**”, conseguimos identificar a sua trajetória de pertencimento ao seu país, como também pode ser observado nos versos abaixo, do poema “Miscelânea”.

Sou negra e branca sou branca e negra
sou misto de noite e dia e vislumbrar horizontes
em permanente viagem
miragem de luz e cor

[...]

e eu nasci negra e branca branca e negra
dois continentes unidos numa só identidade

[...]

e eu fui o resultado
de um branco africanizado. (BEJA, 2009, p. 29-30).

Enfim, muito se poderia analisar e falar sobre a bela e densa obra de Olinda Beja. Resta-me aqui dizer: leia-a!! Só realmente sentindo com profundidade a

sua fala, como se sente o aroma de uma cajamanga, é que poderemos cada vez mais transformar invisibilidades em visibilidades, lugar que é de direito e mérito dessa escritora são-tomense!

mas minha saudade mamã é maior
muito maior
quando vejo a nossa dimensão arquipelágica
tão esquecida de qualquer mapa onde se desenhe
a nossa africanidades!

Salve, Olinda Beja! Salve, Literatura Africana! Salve, mulheres escritoras desse grande e belo continente africano!

Aromas das referências...

Necessário sempre é referenciar aqueles que nos ajudam a contar histórias; eis, então, os que são utilizados nesta breve reflexão:

BEJA, Olinda. **Aromas de cajamanga**. São Paulo: Escrituras Editora, 2009. (Coleção Ponte Velha).

BEJA, Olinda. “A lusofonia é uma ave migratória” — entrevista a Olinda Beja, escritora e poetisa são-tomense. Entrevista concedida à Lurdes Macedo e Jorge Adolfo Marques. In: **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**. 2010. p. 283-292. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/55636935.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Biblioteca Breve; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977. 1 v.

SANTOS, Thaíse de S. **Contos que recontam histórias: figurações identitárias na literatura de Olinda Beja**. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2019. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/25993/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 25 abr. 2020.

Aroma extra: obras de Olinda Beja...

Nos títulos dos livros publicados pela autora, é possível mais uma vez perceber os aromas de sua terra natal. Sintam!!

Bô Tendê? (1992), Leve, Leve (1993), No país do Tchiloli (1996), A pedra de Vila Nova (1999), Pingos de chuva (2000), Quebra-mar (2001), A ilha de Izunari (2003), Um pé-de-perfume (2005), Água crioula (2007), 15 dias de regresso (2007), Aromas de cajamanga (2009), O cruzeiro do sul (2011), Histórias da Gravana (2011), A casa do pastor (2011), Um grão de café: uma simples

homenagem ao menino chinês do pote vazio (2013), À sombra do Oká (2015), Tomé Bombom (2016), Chá do príncipe (2017) e Simão Baladão (2019).



Rosangela Aparecida Marquezi

Graduada em Letras e Mestre em Educação, atua há 20 anos na docência, sempre na área da Literatura. Atualmente, é professora na área de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e Literatura Afro-Brasileira na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Pato Branco, onde é, também, a atual Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês.